

# A POLÍTICA EMPOBRECE OU ENRIQUECE ?

(Conclusão da 1.ª página)

não responder. Outros demoraram-se em receio de ferir susceptibilidades. Mas, também, houve alguns, uma rãria insignificante, que nos responderam com pouca cortezia, alegando tratar-se de uma "enquete inoportuna".  
Divulgaremos, aqui, durante uma semana, os resultados desse inquérito. E, ao final, faremos um balanço da opinião dos nossos parlamentares sobre esta pergunta, simples e desprezível, como afirmamos, mas que aflora à boca do povo a todo o instante: "A política enriquece ou empobrece?" E apontaremos também, aos nossos leitores, a relação daqueles que, por este ou aquele motivo não quiseram ou puderam dar a sua opinião.

## VIVE DO QUE GANHA O LÍDER DA MAIORIA

Lutamos com alguma dificuldade para ouvir o sr. Acurcio Torres. Não é que o líder da maioria se tenha negado a responder a nossa enquete. Pelo contrário, foi um dos que louvaram a iniciativa, dizendo-nos até que deveria ouvir a respeito não somente com deputados, mas sim todos os parlamentares. Mas, o representante fluminense nestes últimos dias não tem tido um momento de sossego na Câmara. Duas vezes seguidas que se dispunha a responder o questionário teve de interrompê-lo porque o sr. Barreto Pinto havia ocupado o microfone. Numa delas teve sério incidente com o parlamentar "queremista" quando este veio à tribuna rebater a tese de inconstitucionalidade do projeto revertendo à tona no respectivo posto, o marechal Mascarenhas de Moraes, levantando a voz da maioria.

Numa tarde mais calma, sem Barreto Pinto, pôde atender-nos o sr. Acurcio Torres. E, à primeira pergunta, declarou sucintamente:

"Em regra empobrece".

E quanto ao efeito do exercício da política na sua vida econômica, acrescentou:

"Nenhum. Homem habituado sempre a viver do que ganha, nunca minhas despesas ultrapassaram o limite de minha receita".

Toda regra tem exceção. Esperávamos, pois, que o sr. Acurcio Torres a citasse, isto é, a dos políticos que enriqueceram. Mas o líder da maioria silenciou a respeito, dizendo, porém que conheceu casos de empobrecimento e objetou:

"Quero silenciar quanto aos nomes. Meus coestudantes bem que também o sentem, no gesto alto e nobre de um dos governantes fluminenses que teve a iniciativa do amparo material a dois grandes vultos da política fluminense e que administraram o meu estado na chamada "República Velha": saíram tão pobres do governo, cujo posto tanto dignificaram, que tiveram necessidade do amparo do Estado".

Também sucintamente respondeu-nos o sr. Acurcio Torres aos motivos que o levaram a ingressar na política e nela permanecer:

"A amizade e a crescente afeição despertada na minha mocidade pelo fidei de meu saudoso chefe, mestre e amigo, dr. Luiz Carlos Froes da Cruz, antigo deputado federal por meu Es-

tado e professor de Direito da Faculdade do Rio de Janeiro".

## QUASE 500 CONTOS POR ANO

O deputado Prado Kelly pensa de acordo com o líder da maioria. A regra é o empobrecimento, — declarou-nos. E acrescentou:

"O meu Estado pode apontar muitos fatos expressivos. Portunçula, Portela, Quintino, Alberto Torres, seus primeiros governantes, da República, foram exemplos de probidade e modestia. Nilo Peçanha, ao morrer, deixou de poucos bens relacionados em seu testamento. Ari Parreiras e Protógenes Guimarães só deixaram às viúvas o soldo militar. Um decreto chegou a conferir pensão a três antigos presidentes, que não possuíam recursos para a manutenção da própria família".

O líder da minoria tentou escusar-se a falar sobre a sua situação pessoal. Contudo, fez-nos esta revelação curiosa:

"O último ano em que aluguiei foi o de 1944; e os honorários, que recebi naquele exercício, declarados à Diretoria do Imposto de Renda, foram de Cr\$ 472.003,00. Em começo de 1945, iniciada a campanha política, deixei de frequentar o escritório, para dedicar todos os esforços à causa democrática. Desse escritório estou afastado até hoje. E' escusado comparar aquelas cifras com as do subsídio que me cabe, parte do qual destinada a despesas políticas habituais".

Finalmente, o sr. Prado Kelly explicou-nos porque ingressou na política:

"Em 1933, eleito à Assembléia Nacional Constituinte, já sob a lei do voto secreto, animou-me a esperança de que pudesse ser praticado, como cumpria, o regime representativo. Quatro anos mais tarde, nascia o Estado Novo; às suas primeiras horas, sofri a prisão imposta a alguns oposicionistas daquele tempo. Voltei à política em 1945, para combater a ditadura, com a qual nunca me conformara. Vitorioso o princípio reivindicado pelo Brigadeiro Eduardo Gomes, — podia dar por encerrada a minha contribuição à política. Mas já estava eleito deputado pelo povo do Estado do Rio e não devia esquecer na defesa de suas aspirações da legalidade".

## A POLÍTICA PODE ENRIQUECER

Um padre, representante da mais sôbria das carreiras, também responde a nossa "enquete". Trata-se do deputado Medeiros Neto, eleito pelo PSD de Alagoas, e que até há pouco era líder do oficialismo alagoano, passando agora a integrar as fileiras oposicionistas. O padre Medeiros Neto acha que a política pode enriquecer e não vê nenhum mal nisso:

"Os políticos sóbrios e econômicos, — afirmou-nos, — sempre encontram oportunidade de amealhar e entesourar reservas e disponibilidades, onde quer que os imponderáveis da vida pública o lancem. Essa atitude tomada por um homem público somente fará acreditar a sua posição e as suas qualidades, perante o tribunal da opinião popular. Quem sabe gerir, com honestidade e par-

cialidade, tudo o que, dignamente perceberá o crédito dos seus concidadãos, para conduzir os interesses supremos e legítimos do erário publico e do patrimônio coletivo. Dessarte, a resposta a essa pergunta me parece condicionada ao rumo, que cada político saiba imprimir à direção da sua vida particular. Se o político militante usa dos seus honorários recebidos honestamente, para dispêndios desordenados, está claro que a política o empobrece. Ao revés, se o deputado, ou o senador, gasta, moderadamente, o que ganha, poderá amealhar algo para as incertezas do seu futuro. Eu, pela certa, poderei amealhar qualquer coisa, por durante a vigência do meu mandato".

A palestra com o deputado Medeiros Neto começou no recinto da Câmara. A princípio, tímido, pensando bem as palavras, ia o parlamentar alagoano respondendo as nossas perguntas. Fomos para a sala do café, na ocasião, quase deserta, e, reencetando a palestra, oferecemos um cigarro ao sacerdote.

Recusou o cigarro, dizendo-nos:

"Não fumo, não bebo, não jogo, não luxo, não farreio". E acrescentou:

"Vivo, modestamente, instalado no Colégio Interno de S. José, como simples padre, que não perdeu a identidade com a sua missão religiosa. Não desconheço as filas de ônibus e lotação. Não estranho o aperto dos bondes superlotados. Nunca possuí automovel nem pretendo fazê-lo".

## ARISTOTELES E THIERS

A simplicidade física do padre Medeiros Neto contrasta com a sua riqueza verbal. Ele se empolga numa palestra comum e assume, pelo tom de vozes, de quem está pregando. Por isso, não foi com pequeno receio que insistimos para que respondesse qual tem sido o efeito do exercício da política em sua vida.

"Pare esta resposta eu me permito invocar os conselhos e as advertências de Aristoteles e Thiers, a quem me ligo em assuntos de ordem substancialmente política".

"Diz Aristoteles, o mestre helênico, que a "política é a arte de fazer feliz o povo". Pois bem, confesso, com grande parte das minhas economias, astorcente do exercício do meu mandato de deputado federal, tenho proporcionado felicidade a muitos dos meus parentes, amigos e desconhecidos. Diz Thiers que a "política é a mais bela das artes, quando não é a mais baixa das profissões". Com sinceridade, sem contrafações, declaro que jamais cogitei de fazer da política a mais baixa das profissões. Deus me livre de tal desgraça. Prefiro morrer a viver sem dignidade. Com minha frente erguida, de pé, pretendo sempre caminhar ao meio dos meus concidadãos".

Afirmou-nos, a seguir, o deputado Medeiros Neto que "não é fácil marcar os políticos, distinguindo os que são sóbrios dos que são delapidadores".

A atividade de um padre na política é ainda motivo para restrições por parte de muitos que afirmam que a religião e a política são antagônicas.

"Seria longa a resposta para esta interpelação que reflete profundo inquérito no drama íntimo de cada político. Inicialmente, quero confessar que nenhum interesse subalterno, mercê de Deus, me inspirou quando da minha decisão de ingressar nas hostes parti-

darias lançadas no país. Atrirei a vida pública preocupado em ser útil à Igreja e ao Brasil, mas não nenhuma demagogia insinceridade. Este meu pensamento não encobre qualquer sentimento, porque minhas atitudes permanecem. Permaneço na política ainda que preciso de contribuir para a cidade do meu país, naquilo que a cair sob a minha alçada, nesse dramático dos dias presentes".

## PARA CERTA GENTE ARTE DE ENRIQUECER

Há na Câmara dos Deputados nome que todos reverenciam, pela probidade inatacável, pelo seu passado de campanhas memoráveis, pela cultura e pela soma de serviços prestados ao Rio Grande do Sul e ao Brasil. Este nome é Raul Pila. Há parlamentares que quando falam no chefe do Partido Libertador o fazem com mesmo respeito dos tempos patriarcal. Quando realizávamos esta "enquete de reportagem", perguntávamos aos parlamentares qual a seu ver, era na Câmara, o padrão de honestidade. A resposta era quase uma só: Raul Pila. E os que citavam o do sr. José Augusto, faziam, invariavelmente, acenar-lhe do nome do velho e tradicional parlamentar gaúcho.

O deputado Raul Pila não titubeou em responder às nossas perguntas.

Falou-nos, com aquela sinceridade que o caracteriza:

"Não se compreendia pudesse política militante enriquecer, pois missão, não profissão. Empobrecer, sim. Era isto frequente na Monarquia, tanto mais fácil, quando mais patrimonial o regime político social. O que era, e ainda continua sendo, em larga parte, o protetor do cidadão, que, em troca, lhe dava o seu voto. Agora, enriquecer, não sei como isto poder ser".

Sabe, contudo o deputado gaúcho que a política tem enriquecido alguns.

"Entretanto, o que a simples observação demonstra é que, a partir de certa época, tornou-se a política para certa gente, a arte de enriquecer, quando menos, a de dilapidar cabalmente os recursos havidos".

O sr. Raul Pila, elegantemente, não quer citar casos. Considera uma indiscrição de nossa parte uma pergunta nesse sentido, justificando-se:

"Não me cabe apontar os que enriqueceram com a política, ou dela se aproveitaram largamente do ponto de vista econômico. Demais, os seus nomes andam na boca de todos. Seria no mínimo, uma superfluidade..."

## NENHUM CÉLULO DOS COFRES PÚBLICOS

O deputado Raul Pila contou-nos a seguir os efeitos da política em sua vida econômica.

"O mais notável, declarou-nos, foi, por mais de dois anos, a perda da minha cadeira na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, da qual fiquei afastado por motivo da revolução de 1932. Ao ser reintegrado, tinha eu o direito de pleitear ante o Poder Judiciário, o pagamento dos meus vencimentos atrasados, como fizeram, tendo ganho de causa, alguns colegas em conjuntura semelhante. Mas assim não procedi, não obstante tratar-se de uma justa reparação, porque, além de professor, eu era político e, como político, timbrava em não receber dos cofres públicos um centil, sequer, que não fosse indenização de tarefa verdadeiramente realizada.

Cumpre esclarecer ainda que, ao partir para o exílio, eu possuía apenas cinco contos num banco (que para mais não davam os parcos vencimentos de professor) e uma quota, que mal começara a integralizar, de um laboratório industrial. Ao receber, porém, a notícia da rendição dos revolucionários de S. Paulo, fui também notificado, haver sido sortecida uma apolice de cem contos, que eu possuía na Sul America Capitalização e tivera a feliz inspiração de não deixar caducar, apesar da minha ausência. Assim, pude eu passar, com relativa facilidade, os dois anos de exílio.

## DIA DE LIBERTAÇÃO

O sr. Raul Pila gostaria de ser unicamente professor. Mas, deixemos que fale o chefe do Partido Libertador e líder do parlamentarismo:

"Naturalmente, foi o Idealismo. Haverá quem confesse outro motivo. Mas, já que se me pede um depoimento, vou acrescentar mais alguma coisa.

Não foi por gosto que me envolvi em política. Nada há, talvez, mais contrário ao meu temperamento, do que este genero de atividade, em que somente os extrovertidos se sentem perfeitamente à vontade. A posição que me convém, verdadeiramente, é a de professor. Mas, ainda estudante secundário, aprendi ser a democracia o único regime compatível com a verdadeira civilização e constituir dever do cidadão o concorrer para o bom governo da República. Comecei, então a observar os graves defeitos da nossa vida política e, graças às lições de meu inolvidável professor de História da Civilização, o ilustre Apelles Porto-Alegre, verifiquei que, com o sistema parlamentar, a Inglaterra criara a mais perfeita forma de democracia representativa. Foi logicamente levado a inscrever-me no tradicional Partido Federalista, cujo objetivo máximo era a república parlamentar. E, daí por diante, fui sendo inexoravelmente arrastado pelo vortice, embora poucas vezes forcejasse por sair dele. O dia que eu logrei deixar a vida política será o dia da minha libertação e também, já nesta altura, o posso dizer, o do merecido repouso."

## BERCO OU TUMULO DE ISRAEL

# Governo árabe na Palestina

AMANN (Pelo cabo) — Quem rompeu a tregua? — perguntou-me o correspondente de um jornal chinês. Porque eu estava em Jerusalem naquela manhã, ele achava que deveria saber a verdade sobre a rutura do armistício. Acontecera que à hora exata em que o disparo soou, quebrando o silêncio começado às oito horas, este correspondente estava dormindo. Tanto que nem a artilharia o acordou. Nagib sacudiu-me com furia:

"Acorda, effendi, que os judeus estão atirando. A tregua foi para o diabo".

Com essa expressão, estava definitivamente enterrada a Tregua Bernadotte, entrada em vigor às seis horas G.M.T. — oito horas em Amann e Jerusalem. Os combates, apesar da ordem de cessar fogo, continuaram ao longo da fronteira síria e um soldado árabe foi abatido em Jerusalem. Os árabes protestaram. Bernadotte pediu explicações às autoridades judaicas sobre os incidentes e mandou um observador ao local para examinar a veracidade da queixa. Não veio um apenas, mas nove, dos quais sete eram oficiais americanos chegados recentemente dos Estados Unidos. Veio também um comissário de Jerusalem nomeado pela ONU e este foi logo dizendo que seu posto nada tinha a ver com o de Co-

Será anunciado pelos Estados muçulmanos como resposta à interferência da ONU

David Nasser

(Enviado especial de "O Cruzeiro" e "Diários Associados" à Palestina)

missário Municipal e que esperava receber todo apoio por parte dos árabes, pois sua função seria o símbolo da unidade da Cidade Santa — que só está dividida pelas exigências da guerra. Um dia, a seu ver, voltará a ser uma cidade de paz comum, porque esse é o ardente desejo dos Muçulmanos, dos Judeus e dos Cristãos do mundo inteiro.

## AUMENTOU A TENSÃO

Enquanto os observadores vêm e vão, a tregua continua sendo desrespeitada várias vezes por dia. Existe quem tenha coragem de mostrar sua cabeça um palmo acima do muro de Bab Al Mud. A tensão continua pior que antes de cessar as hostilidades. Os árabes não abandonam o posto noite e dia. Dormem sobre os sacos de areia que protegem a artilharia. A infantaria guarnece as posições e as avançadas. Estão à espreita, já que os judeus anunciam a existência de um caminho secreto

entre Tel-Aviv e Jerusalem. — "Essa via de abastecimento à Cidade Velha — declarou-me o comandante em chefe das tropas árabes da Cidade Santa, Abdalla Beck — vinda da pretensa capital do pretenso Estado de Israel — é uma deslavada mentira. Desde que estão cercados os judeus na Velha Jerusalem vivem com o que tinham depositado e lutam com o que lhes restam de munição. Basta o fato de responderem, antes da tregua, numa proporção de um para trinta em relação à artilharia árabe".

## NOVA LUTA

Jerusalem adormece sem luz. Num leito improvisado com dois cobertores fíco vende um correspondente egípcio escrever à luz de uma vela. Numa casa ao lado, neste bairro de Santo Sepulcro, uma voz de mulher canta qualquer coisa em relação aos inimigos. Uma canção atual que (Continua na 4.ª pag.)